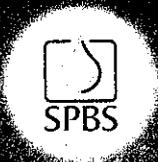


Ano VI • N.º 1 • Jan/Dez-2009

# BioAnálise



20 e 21 de Novembro 2009

**PORTO**



*Sociedade Portuguesa de BioAnálise Clínicos*

# Novas e Velhas Doenças Infecciosas: Seus Factores Condicionantes

HENRIQUE LECOUR

*Instituto de Ciências da Saúde, Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa*

A melhoria das condições sanitárias verificada a partir da segunda metade do século XX nos países industrializados, associada à implementação dos programas de imunização universal e à introdução dos antibióticos no arsenal terapêutico, fizeram com que a patologia infecciosa tivesse então perdido relevância e mudasse o seu cariz tradicional. Isso mesmo levou a que alguns chegassem a afirmar que era tempo de fechar o livro das doenças infecciosas porque a Humanidade tinha ganho a batalha, ideia que cedo se esfumou.

A eclosão das resistências aos anti-microbianos, fenómeno que constitui hoje um dos mais preocupantes problemas de saúde pública, o aparecimento de novas doenças, e a identificação de agentes que não eram conhecidos, são facetas que no seu todo caracterizam a nova patologia infecciosa.

De sublinhar que só nos últimos trinta anos foram identificados mais de meia centena de micróbios patogénicos para o Homem. A circunstância de se estimar que apenas é conhecida uma pequena percentagem dos agentes microbianos existentes, faz prever que, com o recurso às novas técnicas de investigação microbiológica, novos agentes venham a ser descobertos num futuro próximo.

A globalização, com o progressivo incremento da troca de pessoas e bens, as viagens intercontinentais, a ausência de cuidados sanitários, a interrupção dos programas de vacinação, a inexistência de uma vigilância epidemiológica que permita uma detecção e uma resposta atempadas, constituem no seu conjunto, factores que necessariamente propiciam a ocorrência das doenças infecciosas, bem como a sua disseminação. De igual modo, contribuem para esse fenómeno

as alterações ecológicas, as mudanças climáticas, os movimentos migratórios, a maioria das vezes em deficientes condições sanitárias, as mudanças dos comportamentos sociais, as deslocações para áreas tropicais e subtropicais, onde certas doenças se mantêm endémicas, e a ameaça de bioterrorismo. O aparecimento do vírus do Nilo Ocidental nos Estados Unidos e a sua rápida extensão no continente americano é paradigma de como a introdução de novos agentes, bem como dos seus vectores e reservatórios, pode criar situações endémicas inesperadas.

Merece ser ainda, realçado o facto de algumas afecções, que no Mundo desenvolvido mostravam um progressivo e franco declínio, terem reassumido uma incidência preocupante, sendo exemplos dessa situação a tuberculose e as infecções sexualmente transmitidas.

Refira-se finalmente, a pandemia de gripe que presentemente nos assola e que ainda não atingiu no hemisfério norte, em que nos situamos, a sua maior expressão. A sua eclosão é um bom exemplo de como em patologia infecciosa há sempre que esperar o inesperado, mas a evolução que tem assumido é também prova de que uma vigilância epidemiológica e uma planificação prévia eficazes podem minimizar os efeitos de uma pandemia.

A procura de novos anti-microbianos e de novas vacinas, bem como de meios de diagnóstico rápidos e fiáveis, a par de uma permanente vigilância nacional e internacional, e da melhoria das condições de vida das populações do Mundo em desenvolvimento, constituem no seu todo, os principais meios que podem obstar ao aparecimento de novas epidemias no presente milénio.